

OS CÓDIGOS ESPECTRAIS DO FEMINICÍDIO EM CONTOS BRASILEIROS

The spectral codes of femicide in Brazilian Literature

Carlos Magno Gomes

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

calmag@bol.com.br

RESUMO

Este artigo traz um estudo sobre a língua espectral do feminicídio representada em contos de Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Clarice Lispector e Marina Colasanti, que relacionam esse crime a valores morais de menosprezo pelo corpo da mulher. A partir de abordagens feministas, defendemos a hipótese de que o feminicídio é normatizado por uma simbologia moral que aprisiona a mulher a valores obsoletos como “crime de honra” e “posse do corpo feminino”, segundo estudos de Rita Segato (2003) e Lia Zanotta Machado (2019). O repertório dessa violência é mantido por meio de uma “língua espectral”, de acordo com reflexões de Giorgio Agamben (2010), visto que o feminicídio é normatizado por atos que tendem a vigiar e punir mulheres fora do padrão patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Feminicídio, aniquilamento da mulher, corpo suplicado, crime de honra.

ABSTRACT

This article bears a study about the spectral language of femicide represented in short stories by Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Clarice Lispector, and Marina Colasanti, that relate this category of crime to moral values of contempt for women's body. Based on feminist approaches, we endorse the hypothesis that femicide is regulated by a moral symbology that imprisons women to obsolete values such as “honor crimes” and “possession of the female body”, according to studies by Rita Segato (2003) and Lia Zanotta Machado (2019). The repertoire of this violence is maintained through a “spectral language”, according to reflections by Giorgio Agamben (2010), since it is standardized by acts who tend to discipline and punish women outside the patriarchal standard.

KEYWORDS: Femicide, the annihilation of women, entreated body, crime of honor.

Introdução

A literatura brasileira nos surpreende quando analisamos o cuidado com que as escritoras denunciaram os rastros morais que sustentam os casos de feminicídios nas últimas décadas do século XX. Entre as autoras que tematizam esse bárbaro crime estão Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nélide Piñon e Marina Colasanti que registram o incômodo feminista contra valores patriarcais que culpam as mulheres violentadas e assassinadas por andarem sozinhas, por usarem roupas decotadas, ou por não se separarem de homens violentos. Em seus textos, o feminicídio é parte do repertório misógino que impõe o medo como forma de controle da mulher¹.

Para este artigo, selecionamos contos que priorizam o repertório que sustenta a violência contra a mulher, sobretudo, em crimes praticados por estranhos. No primeiro momento, vamos fazer um panorama acerca do feminicídio que gira em torno da questão da honra como um código espectral nos contos “Venha ver o pôr do sol” (1970), de Lygia Fagundes Telles e “Com a honra no

¹ Este artigo tras resultados parciais de uma pesquisa financiada pelo CNPq que tem como meta analisar a representação do estupro e feminicídio na literatura de autoria feminina do Brasil, Argentina e México.

varal” (1986), de Marina Colasanti². Logo depois, passamos a destacar o repertório da virilidade como uma estratégia para camuflar as inseguranças masculinas em “Sangue esclarecido” (1973), de Nélida Piñon; por fim, exploramos os códigos sociais da impunidade próprios de uma confraria machista em “A língua do p” (1974), de Clarice Lispector. Essas narrativas nos convidam a revisar as diferentes estratégias sociais de aniquilamento do corpo da mulher.

Cabe lembrar que além desses contos, há diversos romances que também abordaram esse tema nas últimas décadas. Em *O matador* (1995), Patrícia Melo traça a trajetória de um assassino de aluguel, Máiquel, que mata Cledir, sua esposa, para ficar com a amante, Érica. Esse feminicídio funciona como um descarte do corpo da esposa, que passou a ser um empecilho para o novo relacionamento do criminoso. Outro romance que explora esse tema é *Vozes do deserto* (2004), de Nélida Piñon, que é composto por paródia feminista do clássico *As mil e uma noites*. Por ter sido traído pela Sultana, o Califa impôs um castigo a todas as jovens virgens do reino, que eram obrigadas a se casarem com ele e, logo depois das núpcias, eram executadas no cadafalso. A obra de Piñon mostra um rei inseguro, desnudando as crueldades do imaginário machista que é normatizado pela imposição da virilidade masculina.

Recentemente, Patrícia Melo voltou a debater esse tema em *Mulheres empilhadas* (2019), que mistura ficção e realidade, pois faz referência a casos reais e é narrada pelo ponto de vista de uma advogada paulista, que termina com o namorado, Amir, após ser agredida. Entrecortado por crimes bárbaros, o romance de Melo propõe uma criação literária compromissada em debater o tema e fazer uma homenagem às vítimas de feminicídio. Portanto, a literatura brasileira de autoria feminina deixou para trás o imaginário do crime da honra para denunciar os diferentes códigos machistas que menosprezam as mulheres e relativizam a impunidade.

Vale lembrar que o feminicídio é considerado um crime especificamente contra as mulheres, quando desrespeita o direito à vida por meio de agressões físicas e emocionais e de ações cruéis e desumanas. Esse crime é normatizado por uma língua patriarcal ancestral, valorizada pelo culto da honra masculina e pelo desprezo pelo corpo feminino. Por tais peculiaridades, consideramos esses códigos como espectrais por estarem associados a normas do passado patriarcal. Agamben (2010, p. 55) explica que, por ter regras e particularidades, valores do passado podem ser considerados como código de uma língua espectral, isto é, uma língua que “não podemos falar, mas que à sua maneira vibra e acena e sussurra e que, embora com esforço e com o auxílio do dicionário, podemos entender e decifrar”.

Para articular nossos argumentos, utilizaremos um suporte teórico construído por antropólogas e sociólogas que reforçam a necessidade de revisão dos valores patriarcais. Para Lia Zanotta Machado (2019, p. 15), precisamos mudar com urgência esse paradigma social, passando a nomear e punir com mais eficiência os casos de feminicídio conforme os preceitos jurídicos. A revisão dos sentidos desse crime passa pelo questionamento do imaginário do medo imposto à mulher, já que o corpo sacrificado funciona como um índice de punição exemplar, prevalecendo a lógica da valorização de uma autoridade/autoestima masculina (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 31).

No imaginário social, exibir o castigo dado à mulher é também um modelo de controle e está presente no corpo sacrificado, pois carrega os rastros morais da violência sofrida. No caso do feminicídio, envolvendo questões de honra, esse sacrifício é também um momento de vingança já que é um crime atravessado pela perversa “ordem do pai” (PASINATO, 2011, p. 230).

Após essa breve apresentação de nossa proposta de texto, passemos a um panorama de como o feminicídio é representado em contos do final do século XX.

² Além desses contos, vale destacar que Lygia Fagundes Telles publicou “Dolly”, na coletânea *A noite mais escura e eu* (1995), retratando um brutal estupro, seguido de assassinato da personagem Dolly. Esse texto retoma um escândalo de Hollywood, que envolve a morte da atriz Virginia Rappe, após a participação em uma festa do famoso ator cômico Chico Boia em setembro de 1921.

Um panorama do feminicídio conjugal

A violência estrutural de gênero é mantida por códigos misóginos que têm a finalidade de expropriação dos direitos da mulher. Tais códigos reforçam o imaginário social no qual a mulher ainda é responsabilizada por sua própria morte, quando é associada a comportamentos de risco. Essa culpabilização da mulher foi questionada nos contos do século XX, que descrevem o crime praticado pelo companheiro ou ex-companheiro. Por exemplo, Lygia Fagundes Telles, em “Venha ver o pôr do sol”, publicado na coletânea *Antes do baile verde* (1970), descreve a vingança de Ricardo contra Raquel, uma namorada que o deixou para viver com um homem rico. Esse conto pode ser considerado pioneiro na forma como o feminicídio é representado na literatura brasileira, pois é estruturado pela ótica do ódio masculino. Ricardo arma uma emboscada para Raquel em um cemitério abandonado. A partir do ponto de vista dele, passamos a acompanhar um repertório machista usado para desqualificar aquela que o deixou por outro.

Nessa narrativa, Raquel vai passar por um julgamento ao ser confrontada pelos valores de Ricardo, que a acusa de ser interesseira, quando deixa transparecer seu ressentimento ao questionar sua forma de se vestir: “me aparece nessa elegância. Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra” (TELLES, 2009, p.135). Tais insinuações se repetem em outros momentos, quando ele reconhece que ela estava usando cigarros caros: “fuma agora uns cigarrinhos pilantras” (TELLES, 2009, p. 136). O vocabulário empregado por ele é de assédio na tentativa de intimidar aquela que o deixou.

Estrategicamente, o conto é atravessado pela perversidade de Ricardo, que disfarça seu verdadeiro plano até chegar a uma catacumba que dizia ser de sua família. Com um discurso larval de que a mulher só pode ficar com aquele que a escolheu para ser amada, Ricardo impõe sua decisão ao anunciar com detalhes como será o pesadelo do anoitecer para Raquel: “Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo” (TELLES, 2009, p. 143). Com esse cinismo, ele reforça sua consciência do que estava fazendo, explicitando que se trata de um crime muito bem planejado a partir de um julgamento pessoal e baseado em códigos morais espectrais (GOMES, 2019).

Vale lembrar que, nesse caso, o texto literário repete um imaginário social da vingança, já que “envolve não apenas a parte econômica, mas deve obter o reconhecimento social e simbólico” visto que respeito, admiração e afirmação social de um homem estão relacionados ao controle do corpo feminino (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 51). Portanto, no conto de Telles, a economia do sacrifício feminino passa pelo resgate da honra perdida por Ricardo. Perversamente, essa honra é reconstruída a partir do aparato de assédio, tortura e assassinato daquela que desobedeceu ao contrato imaginário do pertencimento sexual.

Outro exemplo do questionamento do feminicídio conjugal está presente em “Com a honra no varal”, da coletânea *Contos de amor rasgados* (1986), de Marina Colasanti. Esse conto problematiza normas obsoletas ao expor o tema do adultério como uma roupa suja que deveria ser lavada em casa. Além disso, essa narrativa joga com o papel do vingador, ao retratar um marido preparado para enterrar viva sua companheira: “trancada no banheiro” e “aguardava seu destino”, enquanto isso ele “esmerava-se no acerto justiceiro” (COLASANTI, 2010, p. 185). A questão da honra masculina é exposta de forma irônica desde o primeiro momento ao descrever um marido possessivo que vê a mulher como parte de sua propriedade. Ao registrar um personagem que julga sua esposa como culpada por não “submeter-se às ordens do marido”, essa narrativa possibilita um debate acerca da “provocação injustificada” para que o marido possa puni-la (MACHADO, 2019, p. 08).

Assim, o conto de Colasanti nos coloca cara a cara com o repertório da permissão para matar como estratégia de controle da esposa como destaca o narrador do conto: “quando com lavada honra deitar-se entre lençóis, saberá, orgulhoso de si, que recompôs o destino por um instante

ameaçado” (COLASANTI, 2010, p. 185). Ao retomar a questão da honra como a motivação do crime, a autora ironiza a relativização desse crime que é também sustentada por um discurso larval que repete a vingança como premissa para matar, pois mantém a “estrutura invisível do poder masculino” que também é responsável por legitimar “novos assassinatos” (MACHADO, 2019, p. 11). Por essa lógica, o corpo da esposa é considerado uma extensão do marido e o castigo está relacionado ao pertencimento sexual. Ironicamente, no final, o marido desiste de emparedá-la e resolve encarcerá-la e mantê-la viva para que ela continue as tarefas domésticas.

Particularmente, os contos de Telles e Colasanti nos colocam cara a cara com o repertório do julgamento e punição da mulher, conduzindo-nos a repensar o quanto a perversidade da lógica moral contribui para a visão do feminicídio como um crime disciplinador. No campo social, esse crime não pode ser visto como um fato isolado, pois é o “ponto final em um *continuum* de terror, que inclui abusos verbais e físicos e uma extensa gama de manifestações de violência e privações a que as mulheres são submetidas ao longo de suas vidas” (PASINATO, 2011, p. 224).

Esteticamente, nos dois textos, a desconstrução desse padrão é sustentada por uma descrição de personagens mecânicos motivados pelo ódio à mulher. As duas autoras exploram a sátira e a ironia como recursos literários para explicitar a farsa de personagens que agem em busca de uma honra perdida, quando na verdade estão repetindo estratégias misóginas criminosas para disciplinar as mulheres.

Os dois textos enfatizam o quanto a violência é planejada com perversidade por homens vingativos, que não se arrependem das barbaridades cometidas, pairando no ar uma ideia de que a vida poderia voltar a curso normal após a punição da mulher. Logo, com esse desenrolar do processo de julgamento da mulher, constatamos que os dois contos explicitam um repertório larval do feminicídio, que se repete nos casos em que os homens se sentem preteridos e agem com estratégias larvais de controle, visto que “as larvas não vivem sós, mas procuram obstinadamente os homens por cuja má consciência foram geradas, a fim de os habitarem como súcubos ou íncubos” (AGAMBEN, 2010, p. 54). Nesses exemplos, os textos literários retomam a má consciência que sustenta esse crime como um discurso estruturante.

A seguir, passamos a analisar como a violência é imposta como padrão identitário em casos de feminicídio na ficção de Nélide Piñon.

A hostilidade do feminicídio

Explorando o modelo parabólico de narrativa, em “Sangue esclarecido”, publicado na coletânea *Sala de armas* (1973), Nélide Piñon traça a jornada de um feminicida. Esse conto se centra na incapacidade de protagonista, um jovem sem nome, em dialogar com as mulheres que o acolhem. Em diversos momentos, ele passa da condição de hóspede a agressor. Especificamente, seu comportamento é sustentado pelo imaginário masculino da força e do vigor sexual, baseado no culto da virilidade.

Sua trajetória é marcada por relações abusivas com mulheres que cruzam sua vida. No primeiro momento, depois de deixar o lar materno, ele se hospeda na casa de uma velhinha que o trata muito bem, mas ele não consegue retribuir a gentileza, fica incomodado com os cuidados recebidos e, por isso, resolve ir embora. No segundo momento, ele passa a ter uma relação conflituosa com a dona de uma pensão após ser seduzido por ela. Sem conseguir se expressar, ele usa a violência para ocultar sua falta de experiência, agindo de forma bruta: “Dominou a mulher com falhas e prejuízos cuspidos-lhes em seguida no rosto, para que ela não o desmascarasse” (PIÑON, 1997, p. 106).

Ao se mostrar incapaz de usar a língua dos bons costumes, o protagonista opta pela linguagem da violência. Por retratar um jovem em uma jornada de autoconhecimento, que passa por diversas casas como um estrangeiro, estamos considerando o uso da violência como a única linguagem que ele sabe usar e a qual se apega como sua identidade. Vale lembrar que a língua é “a

primeira e última condição de pertencimento”, a língua é também “a experiência de expropriação, de uma irreduzível expropriação” (DERRIDA, 2003, p. 79). No caso dessa personagem, essa construção discursiva se confunde com sua virilidade.

Sem conseguir falar outra língua, o protagonista vai expondo um gradativo aumento da violência, mostrando seu apego ao bruto em detrimento da civilidade. Isso fica latente, quando, após receber a proposta de um relacionamento estável, ele deixa transparecer que não consegue demonstrar emoção: “um sentimento inicial de honra chegou a invadi-lo, mas a ausência de qualquer sentimento estabelecendo prerrogativas, aceitou o convite como se firma um negócio” (PIÑON, 1997, p. 107). Sua insegurança é camuflada pela objetividade da posse do corpo feminino, pois sem sentimento, executa atos sexuais como um contrato social.

No desenrolar da narrativa, percebemos que o protagonista vai intensificando sua agressividade: “ostentando uma brutalidade indispensável na sua nova escala de exhibições” (PIÑON, 1997, p. 107). Com atitudes cada vez mais ríspidas, ele vai aumentando também o menosprezo pelo corpo da mulher, reforçando a expropriação das regras da hospedagem. Assim, ao se identificar com sua virilidade, o protagonista passa a usá-la de forma planejada como uma estratégia de dominação: “se é verdade que me ama, basta possuí-la para não sofrer mais. Rasgou-lhe o vestido, cumprindo inábil aquele desígnio” (PIÑON, 1997, p. 108). Nesse tipo de relacionamento, observamos que a violência funciona como consciência identitária e funciona como regra de controle do corpo do feminino (SEGATO, 2003, p. 132).

Ao analisar as tensões produzidas pelo uso contínuo da hostilidade desse protagonista, reconhecemos a linguagem da violência como um “lar inamovível” do machismo, pois ele desrespeita a casa que lhe acolhe, impondo a hostilidade própria dos estrangeiros que não se dobram à língua do hospedeiro (DERRIDA, 2003, p. 81). Paradoxalmente, no conto, sua condição de se projetar sempre fora de normas civilizatórias, reforça seu repertório espectral guiado pela expropriação da hospitalidade.

Na fase final dessa narrativa, o repertório da violência é ampliado para um ritual de feminicídio, que é praticado contra uma jovem que o acolhe depois de uma longa caminhada: “Menina, o que eu farei com você, para fazer alguma coisa em mim? Enquanto apertava aquele pescoço, ouvia o ruído das coisas gentis espatifando” (PIÑON, 1997, p. 109). Ao executar o feminicídio, ele repete o *modus operandi* desse crime, quando praticado por desconhecido, que escolhe a vítima de forma aleatória e age com extrema brutalidade pelo simples prazer de aniquilá-la. O corpo da vítima funciona como um trunfo da virilidade (PASINATO, 2011, p. 226).

No conto, Piñon explora o quanto esse predador se realiza ao ver a destruição do corpo da vítima, pois além de estrangulá-la, ele sente prazer em assistir à sua vítima ser estraçalhada por bichos: “e se aquelas garras, que trabalhavam separando o corpo numa limpeza exagerada, chegavam até ele portadoras de um sentimento que se confundia com o amor, ele não se importava” (PIÑON, 1997, p. 110). Assim, o deleite dessa cena é intenso para o assassino que, enfim, encontra sua *chez-soi*. Isto é, ele encontra sua âncora social na brutalidade do feminicídio.

Ao explorar a representação de um assassino que não aceita abrir mão do repertório da violência, o conto de Piñon nos acende a luz vermelha desse crime, quando praticado como expropriação da civilidade. Reforçando a busca por uma âncora social, o protagonista de “Sangue esclarecido” executa a jovem desconhecida na tentativa de se encontrar consigo mesmo. Essa jornada é paradoxal, já que a violência é usada como a única marca da identidade que não se dobra a gentilezas. Ironicamente, a referência ao “esclarecido” do título nos remete para a confirmação da expropriação das normas civilizatórias. Portanto, consideramos que esse conto revisa o feminicídio como um sacrifício espectral, questionando o culto da virilidade.

Na continuidade, passamos a analisar o repertório do feminicídio em casos de violência sexual na ficção de Clarice Lispector.

A confraria masculina

Neste tópico, vamos analisar como o discurso larval machista é usado para beneficiar a impunidade masculina no conto “A língua do ‘P’”, da coletânea *A via crucis do corpo* (1974), de Clarice Lispector. Essa narrativa expõe a dupla violência que as mulheres sofrem: a do agressor e a omissão do estado para investigar e punir o culpado. Para Rita Laura Segato (2005, p. 266), os diferentes tipos de violência contra a mulher não são resultados de atos isolados, pois fazem parte de regras e normas sociais impostas pelo repertório machista interessado em manter seu ponto de vista ideológico hegemônico.

O conto é bem objetivo, descreve uma cena de assédio sexual com ameaça de estupro e feminicídio. No decorrer da viagem entre Minas e Rio de Janeiro, Cidinha, a protagonista, passa a decodificar a linguagem usada por dois viajantes e fica apavorada quando descobre que planejavam: “currá-la no túnel” (LISPECTOR, 1998, p. 68). De forma arbitrária, eles passaram a impor o medo como forma de controle da mulher. Além do terror descrito pelo desejo dos dois, a vontade de aniquilá-la é logo anunciada: “Se resistisse podiam matá-la. Era assim então” (LISPECTOR, 1998, p. 68). Diante do instinto predador dos seus algozes, Cidinha pensa em estratégias para fugir daquele perigo.

Nesse conto, o título traz uma referência à forma como os homens articulam sua masculinidade por meio de uma linguagem própria. O jogo da língua do “p”, um código usado em brincadeiras de crianças, sugere que os homens compartilham códigos abusivos contra as mulheres: “Então os dois homens começaram a falar um com o outro. No começo Cidinha não entendeu palavra. Parecia brincadeira. Falavam depressa demais. E a linguagem pareceu-lhe vagamente familiar. Que língua era aquela!” (LISPECTOR, 1998, p. 68). Ao fazer referência a uma língua particular usada entre homens, essa narrativa nos deixa pista do quanto a violência é compartilhada coletivamente e naturalizada por seus pares, visto que “a dimensão violenta inerente à própria dinâmica tradicionalde gênero é praticamente inseparável da própria estrutura hierárquica. E é justamente aí que reside a dificuldade de erradicá-la” (SEGATO, 2003, p. 133)³.

Esse jogo de uma língua falada entre homens, mas identificada pela protagonista nos dá pista do quanto os valores de aniquilamento do corpo feminino são compartilhados pelo nicho machista. No campo estético, o conto de Clarice Lispector traz diferentes ambiguidades que nos ajudam a deslocar os sentidos tanto do abuso como da impunidade como partes de um mesmo sistema. Sem poder contar com a ajuda de ninguém, visto que é a única passageira naquele vagão, Cidinha resolve desconstruir sua imagem de mulher pura na tentativa de fugir dos assediadores: “Então pensou: se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Em busca de sobrevivência, a protagonista passa a usar uma performance desavergonhada de seu corpo: “levantou a saia, fez trejeitos sensuais”, “abriu os botões do decote, deixou os seios meio à mostra” e dançou valorizando o gingado do quadril (LISPECTOR, 1998, p. 69). Ao romper com o estereótipo de chique, ela consegue se livrar do desejo predador dos agressores, todavia passa a ser julgada pelo aniquilamento simbólico do corpo da mulher. Ao tentar fugir dos assediadores, ela opta por um padrão desvalorizado socialmente, visto como de segunda classe como prostitutas, festeiras e drogadas (SEGATO, 2003, p. 140).

Se não bastasse ser assediada por dois criminosos, ela foi denunciada pelo bilheteiro do trem, que “Viu tudo. Não disse nada. Mas foi ao maquinista e contou. Este disse: vou entregar ela pra polícia na primeira estação” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Na continuidade, Cidinha é presa por comportamento obsceno. Nesse caso, observamos que o repertório do aniquilamento é mais uma

³ Tradução livre de: “la dimensión violenta inherente en la propia dinámica tradicional de género, prácticamente inseparable de la estructura misma, jerárquica, de esa relación. Y es ahí donde reside, precisamente, la dificultad de erradicarla”.

vez explorado pelo texto literário. A ficção de Lispector vai aos poucos desnudando como funciona a estrutura da punição do corpo feminino.

A forma hostil como ela é tratada por funcionários da empresa de trem reforça o desprezo coletivo pelo corpo da mulher: “O maquinista desceu, falou com um soldado por nome de José Lindalvo. José Lindalvo não era brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três malas, e ambos desceram” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Assim, o conto vai do assédio ao aniquilamento simbólico da vítima.

Sem direito à defesa e esclarecer o ocorrido, Cidinha é tratada como uma vagabunda pelos funcionários da estação. Após esse duplo trauma, ela fica bloqueada em seu depoimento na delegacia: “Cidinha não sabia como se explicar ao polícia. A língua do “p” não tinha explicação. Foi levada ao xadrez e lá fichada. Chamaram-na dos piores nomes” (LISPECTOR, 1998, p. 69-70). Se levamos em conta que os homens que julgam e punem Cidinha dominam o mesmo repertório, temos uma visão da confraria masculina que está sendo confrontada no texto.

Então, o conto registra o quanto a falta de investigação adequada também faz parte da impunidade, visto que a omissão dos funcionários e investigadores proporciona outro crime. Essa impunidade pode ser vista como uma estratégia de proteção do nicho de masculinidade quando acontece a formação de “um grupo ou rede que administra os recursos, direitos e deveres próprios de um Estado” (2005, p. 283)⁴. Por essa perspectiva, podemos dizer que o conto repete normas de uma confraria machista que impulsiona os diferentes tipos de violência contra a mulher.

No conto de Lispector, os personagens masculinos são estrategicamente descompromissados em entender o que realmente aconteceu e a polícia se limita a fazer um interrogatório básico sem levar em conta as subjetividades do assédio sexual. Logo, o aniquilamento simbólico sofrido por Cidinha não deixa dúvidas, o menosprezo pelo corpo feminino é muito bem assimilado pelos homens que participam tanto do assédio como da falta de investigação. Por um olhar aguçado, percebemos que os criminosos, o bilheteiro, o maquinista, o policial e os presos sabiam usar a língua do aniquilamento do corpo da mulher.

Essa interpretação é possível, porque, ao representar funcionários que não escutam uma mulher, o conto também nos desperta uma reflexão sobre a omissão do estado, visto que outra mulher foi abusada e assassinada no lugar de Cidinha: “Em manchete negra estava escrito: Moça currada e assassinada no trem” (LISPECTOR, 1998, p. 70). Por ser despersonalizada como sujeito, a vítima do conto acende a reflexão acerca do feminicídio praticado por estranhos como uma prática social de controle do corpo feminino, pois as vítimas perdem “características individuais biográficas ou de personalidade” para ressaltar que se trata de um ataque de gênero, por ela ser mulher (SEGATO, 2005, p. 279).

Além disso, a angústia por que passa Cidinha reforça que, além de códigos sociais de menosprezo, o uso do medo reforça o controle do comportamento das mulheres que não podem se vestir como querem, nem andar sozinhas como aconteceu com Cidinha e a desconhecida vítima de feminicídio. Essa lógica dominada por pares machistas funciona como um repertório de uma confraria de homens, pois faz parte “um costume que se reproduz e prolifera nas economias do poder onde o status se infiltra no contrato e no direito do cidadão” (SEGATO, 2003, p.146)⁵. Ao divulgar a manchete de uma vítima estuprada e assassinada, o jornal reforça o medo como estratégia disciplinadora do corpo da mulher.

Assim, identificamos no conto de Clarice Lispector uma concepção revisionista por meio do uso da performance estética que expõe valores próprios da confraria machista.

⁴ Estamos usando como parâmetro o estudo de Rita Laura Segato, sobre crimes sexuais e feminicídios de Ciudad Juárez, México, que reconhece a impunidade como uma língua de uma confraria machista, visto que não havia interesse em investigar, nem punir por parte das autoridades e do narcotráfico (2005).

⁵ Tradução livre de: “una costumbre que se reproduce y prolifera en las economías de poder donde el estatus se infiltra en el contrato y en la ley ciudadana”

Considerações finais

Ao mapear o repertório misógino do feminicídio em contos de autoria feminina, constatamos que o questionamento desse crime já fazia parte do imaginário da literatura brasileira no século XX. Em alguns casos, a performance artística se projeta como um lugar de resistência, pois questiona a imposição do ponto de vista machista. Nos contos de Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti, identificamos o sacrifício da mulher como a tentativa de resgate de uma honra perdida. Nesses contos, descobrimos diferentes estratégias para justificar o crime contra a mulher. Cada um dos agressores planeja detalhadamente o assassinato da companheira, reforçando o uso de códigos ancestrais pautados pela busca da honra perdida.

Já nos contos seguintes, de Nélide Piñon e Clarice Lispector, observamos casos de crimes praticados por estranhos. Em “Sangue esclarecido”, de Nélide Piñon, há um paradoxo entre a jornada de um jovem hóspede e sua violência imposta à anfitriã, reforçando a expropriação da civilidade. Esse conto reproduz a violência nua e crua, aquela praticada em nome do ódio à mulher e camuflada pelo culto da virilidade. O contraste entre a civilidade da anfitriã e a brutalidade do hóspede chama atenção pelo uso da hostilidade como culto da masculinidade.

Se no texto de Piñon, a jornada de autoconhecimento termina com regozijo de um assassino que se deleita com o corpo esfaçalhado de sua vítima, em “A língua do P”, de Lispector, temos o menosprezo pelo corpo feminino e a impunidade como foco dos códigos espectrais do feminicídio. Por descrever uma vítima que não é ouvida adequadamente em nenhuma instância do processo de acusação e investigação, que passa pelos seguranças da companhia de trem e pelos agentes da polícia, consideramos esse conto como pioneiro ao reconhecer a confraria machista que dá sustentação à impunidade de criminosos que praticam estupros e feminicídios.

Portanto, nesses contos, o repertório espectral do feminicídio é construído por valores obsoletos, que funcionam como “signos”, “marcas”, de “nomes cifrados”, “monogramas”, que, segundo Agamben, são usados por grupos específicos para valorizar uma língua do passado (2010, p. 52). Nesse caso, pelos machistas e conservadores que insistem em expropriar os códigos dos direitos da mulher e que se voltam para a “naturalização das desigualdades presentes na condição de gênero” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 44).

Em nossas análises, os rastros estéticos apontam para um repertório espectral usado por homens que relativizam sua agressividade a partir do culto da honra ou da virilidade. Nesse sentido, consideramos esse repertório como próprio de uma sociedade que se baseia em signo do passado para punir e executar suas mulheres. Em geral, os contos denunciam a “condição larval” desse repertório, pois traduz em também uma consciência da incapacidade de superar um passado consumado (AGAMBEN, 2010, p. 54). No texto literário, o repertório espectral do feminicídio é desmascarado pelo modelo literário de Telles, Colasanti, Piñon e Lispector que jogam com estratégias irônicas e paródicas para desnudar e explicitar um repertório de violências muito bem articulado e reconhecido pelos que dominam esses códigos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Da utilidade e dos inconvenientes do viver entre espectros. In: AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2010, p. 51-56.
- BANDEIRA, Lourdes; MAGALHÃES, Maria José. A transversalidade dos crimes de feminicídio/femicídio no Brasil e em Portugal. *Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal*. Brasília, v. 1, n. 1, 2019, p. 29-56.
- COLASANTI, Marina. “Com a honra no varal”. In COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Tradução de Antonio Ramane. São Paulo: Escuta, 2003.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
- GOMES, C. M. Os espectros do feminicídio em Lygia Fagundes Telles. *Revista Araticum*, Montes Claros, Unimontes, v. 19 n. 1, p. 23-38, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/106/111>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- LISPECTOR, Clarice. “A língua do p”. In LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, Lia Zanotta. Violência contra as mulheres: diálogos entre feminismo e ciência social. In: DIAS, Alfrancio *et al.* (Org.). *A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas*. Aracaju: Editora IFS, 2017. p. 37-54.
- MACHADO, Lia Zanotta. Féminicide: nommer pour exister. *Brésil(s)*, Institutdes Sciences Humaines et Sociales du CNRS, Paris, v. 16, 2019, p. 1-21. Disponível em: <http://journals.openedition.org/bresils/5576>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- PASINATO, Wânia. Feminicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, UNICAMP, v. 37, 2011, p. 219-246.
- PIÑON, Nélica. Sangue esclarecido. In PIÑON, Nélica. *Sala de armas*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.
- SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. *Estudos Feministas*. Florianópolis, UFSC, v. 13, n. 2, 2005, p. 265-285.
- TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.